

COERÊNCIA TEXTUAL, CONHECIMENTO DO MUNDO E INTERTEXTUALIDADE: IMPLICAÇÕES NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA (IS)

Edson Lopes
UFMG

Inicialmente, cumpre relembrar que “*a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto*” (KOCH, 1990:21). Em outras palavras, só existirá sentido no texto se as informações nele contidas estiverem interligadas por uma noção lógica, se forem *coerentes*. Portanto, o que o intérprete procura num texto, é o seu *sentido* ou a sua lógica interna, que, em última instância, se liga a uma lógica maior e externa que aqui chamamos de conhecimento do mundo.

Em algumas circunstâncias, a falta de sentido no discurso de partida (DP) poderá indicar ao intérprete a necessidade de ativar estratégias que lhe possibilitem restaurar ou restabelecer o sentido, o que implica em encontrar informações que supram vazios existentes na estrutura lógica do texto ou na memória do intérprete. Algumas dessas estratégias serão analisadas aqui.

Diferentemente do tradutor que, em geral, dispõe de tempo para consultar o autor do Texto de Partida (TP) a fim de esclarecer dúvidas de sentido e para vasculhar fontes, o intérprete não pode fazê-lo. As conseqüências das dificuldades de compreensão podem, às vezes, ser maquiadas no Texto de Chegada (TC) na IS, mas tal recurso traz prejuízos ao sentido do texto que podem ser incongruentes. O exercício da ética e a busca da fidelidade fazem

com que o intérprete procure aplicar todos os esforços para evitar esses percalços.

Coerência e compreensão

A coerência deve ser também entendida como um “*princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto.*” (Ibidem). Essa capacidade é o resultado da concatenação das informações existentes no texto com aquelas que estão armazenadas na memória do intérprete. Ou poderíamos dizer que a coerência interna do texto dependerá de uma correspondência entre os dados existentes na mente do intérprete e aqueles do mundo onde ele se insere.

Mais do que uma relação direta e unívoca, todavia, essa relação é múlti-facetada, o que reflete o entrelaçamento geralmente existente entre os diversos dados armazenados na memória. Os dados se cruzam permanentemente e evocam outros que também a eles se associam, tornando o processamento muito complexo. Como explica KOCH:

Evidentemente o relacionamento entre esses elementos não é linear e a coerência aparece assim como uma organização reticulada, tentacular e hierarquizada do texto. A continuidade estabelece uma coesão conceitual cognitiva entre os elementos do texto através de processos cognitivos que operam entre os usuários (produtor e receptor) do texto e são não só de tipo lógico, mas também dependem de fatores sócio-culturais diversos e de fatores interpessoais... (KOCH, op. cit, 25)

Os fatores sócio-culturais e interpessoais são o conhecimento do mundo que o intérprete possui, sendo que esse conhecimento

estende-se também ao que convencionalmente se denomina intertextualidade, ou seja, a capacidade de relacionar textos novos com outros já existentes. Parece evidente que é impossível separar conhecimento do mundo de intertextualidade, pois os dois conceitos se superpõem.

Um modelo representativo da memória

Os processos cognitivos estão relacionados à compreensão do discurso de partida, assim como também à memória que é ativada para dar suporte a essa compreensão. BEAUGRANDE & DRESSLER (1981: 7) afirmam que se existe uma unidade de sentido no texto como um todo quando este é coerente, é porque a base da coerência é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões do texto. Memória e compreensão estão de tal forma entrelaçadas que em certas circunstâncias fica difícil descobrir onde uma termina e outra começa. TAYLOR (1989: 23) comenta que

If Riebeck is right when he says that *comprehension is a memory process*, and man has a virtually unlimited memory incorporating an astonishing information processing system, then the listener/interpreter's task is assisted by this representational mechanism.

Esse *mecanismo representativo* a que TAYLOR se refere e que será ferramenta útil nesta discussão, é aquele da estruturação da memória em *frames*, *scripts*, *cenários* e *esquemas* descrita nos estudos de inteligência artificial por MINSKY (1975, apud BROWN & YULE, 1983: 238-257) e em KOCH (Op. Cit, 60) e adotada na Análise do Discurso. Através dessa estruturação ficará mais fácil a explicitação dos processos que serão discutidos neste artigo.

É importante que se compreenda também que esses mecanismos dentro dos quais se abriga ou se subdivide a memória são uma idealização de compartimentalizações que a mente estabelece de uma maneira não totalmente conhecida. Cumpre, entretanto, compreender que, por serem formas representativas de organização, elas vêm a ajudar a entender, como sugere TAYLOR na citação anterior, a estruturação da memória. É graças a essa organização que somos capazes de entender como somos levados a lembrar das coisas (memória) e de relacionarmos essas coisas entre si de forma coerente para podermos compreendê-las. Essa *costura* dos elementos em um todo que faz sentido, que é coerente, se faz por intermédio de associações textuais superficiais (coesão) e pela interligação de elementos armazenados na memória dentro das citadas compartimentalizações, denominadas de *frames*, *scripts*, *cenários* e *esquemas*.

Quando se menciona *costura*, é preciso lembrar que as associações que permitem esse relacionamento não se dão apenas entre palavras ou significados individualizados, mas entre as proposições que estão chegando e aquelas que já existem na memória do receptor, o que tem um aspecto sinérgico, que é a produção de conhecimento novo. Conforme explica SINGER (1994), o processamento de inferências depende do conhecimento contido na memória do leitor e de sua capacidade de recuperá-las.

Outro aspecto importante relacionado à coerência textual é que por sua natureza reticular e tentacular, ela não está ligada somente à organização lingüística, linear, superficial ou “gramatical” do discurso, mas sim à sua organização subjacente, ou seja, ao significado das proposições. Na IC, mais do que em outras circunstâncias, a construção do discurso do intérprete pode muitas vezes prescindir de coesão, mas não pode abrir mão da coerência. Premido pela velocidade de emissão, processamento e emissão do discurso interpretado, o intérprete simultâneo poderá sofrer uma “sobrecarga” nos canais, como analisa e explica GILE (1988: 4-22; 1995 161-172). Ele fala dos esforços de escutar e analisar (EA),

da memória de trabalho (M) e do esforço da produção do discurso (P), elementos que fazem parte da interpretação simultânea. Argumenta que à medida que um ou mais desses esforços aumenta (até possivelmente atingir uma sobrecarga), ele causa problema nos outros canais, podendo ocasionar perdas de compreensão, perda de informações armazenadas na memória de trabalho e efeitos negativos na produção do discurso. Todavia, indica:

Les dégradations ne sont pas nécessairement détectable, car il est difficile d'attribuer une phrase maladroite ou l'emploi peu précis d'un mot à un déficit capacitaire par opposition aux variations intervenant spontanément dans la qualité d'un discours prononcé dans des circonstances contraignantes. Même quand elle est détectée, une perte d'information ou une dégradation n'est pas nécessairement facile à attribuer à une difficulté précise dans le discours de l'orateur car elle peut intervenir à distance, après une cascade de reports de la CT d'un Effort à l'autre.² (GILE, 1988: 16)

Pelo que se pode depreender da declaração acima, as perdas ou degradações do discurso no processo da interpretação simultânea não podem ser facilmente caracterizados como tendo sido causados por este ou aquele problema específico do discurso do orador (discurso de partida - DP), pois há várias circunstâncias atuando permanentemente sobre o discurso oral (ou seja, memória, compreensão, aspectos pragmáticos, etc.), todos causando certas sobrecargas a um canal ou outro. Seguindo então o raciocínio anterior, pode-se adiantar a hipótese de que a comunicação se dá apesar das perdas freqüentes e inevitáveis do discurso oral, até um certo limite difícil de ser estabelecido *a priori*. Como essa perda pode se dar e, freqüentemente se dá numa interação direta, ou seja, entre duas pessoas conversando face-a-face, pode-se imaginar a sua extensão numa interação tripartite, como aquela existente na interpretação. E o mais importante nessa hipótese é que a

comunicação se dá, apesar das perdas e distorções.

Aparentemente, essa comunicação se dá, ainda que apresente uma estrutura superficial imprecisa, que pode ser facilmente criticada, mas que ainda é compreendida, devido àquela natureza subjacente reticular e tentacular da coerência do discurso. Todos os elementos interagem e às vezes suprem as falhas. É evidente que existe um limite além do qual essas perdas danificarão de forma definitiva o discurso, limite além do qual a coerência começa a desaparecer. Embora seja difícil traçar uma linha no ponto preciso da quebra da coerência textual, pode-se perceber sua ausência. Em outras palavras, sua existência não é claramente perceptível até que ela comece a desaparecer. Tudo isso se aplica tanto ao DP quanto ao discurso de chegada (DC).

O ouvinte/intérprete aciona (inconscientemente) os mecanismos mencionados anteriormente para compreender o que ouve. Todavia, o processamento por parte do intérprete não pára na compreensão, pois ele tem que simultaneamente processar a informação recebida e reprocessá-la através de mecanismos semelhantes para se fazer compreender, reprocessamento este que nem sempre se dá de maneira linear. Frequentemente, o intérprete tem que lançar mão de outros elementos de memória, elementos que fazem parte desse conjunto subjacente, seu “conhecimento de mundo”, ativando outras estruturas dentro do processamento para que se possa fazer compreender pelo público, ou, em outras palavras, para que seu texto (DC) seja coerente.

A memória de trabalho é reconhecidamente limitada, como indicam CARPENTER, MIYAKE & JUST (1994) ao estudarem a compreensão e a produção do discurso sob as restrições de tempo, fator que no caso da IS é de extrema importância. O intérprete faz exigências significativas à sua memória de trabalho, que é seu principal recurso durante a IS. Sem dúvida existe uma interação permanente entre a memória de trabalho e o que está armazenado de forma mais permanente na mente do intérprete, pois como indica SINGER (1994), o processamento de inferências depende do

conhecimento contido na memória do leitor e de sua capacidade de recuperá-lo.

Um exemplo prático poderá tornar essa explicação mais clara. Tomemos o caso em que o palestrante (A) está se dirigindo a um público determinado (C). O intérprete (B) já tendo identificado de antemão esse público, interpretará o discurso do palestrante não de acordo apenas com as informações de entrada (*input*), mas poderá adaptá-lo às circunstâncias. Assim, o modelo a seguir ilustra esse processamento:

Mensagem ouvida	P o s s í v e i s
<p>interpretações</p> <p>“O Itamaraty suou a camisa para tentar convencer, sem sucesso, o governo americano a comprar aviões de treinamento militar da Embraer — embora a empresa desde o ano passado seja de particulares”.</p>	<p>Itamaraty, the Brazilian foreign affairs office, worked hard and unsuccessfully to try to convince the North-American government to buy military training aircraft from Embraer, a Brazilian aircraft industry, although this company was already privatized.</p>
	<p>Itamaraty worked hard and unsuccessfully to try to convince the American government to buy military training aircraft from Embraer — although that company had already been privatized.</p>
	<p>Itamaraty worked hard and unsuccessfully to try and convince the American government to buy military training aircraft from Embraer — a Brazilian aircraft industry, although that company had already been privatized.</p>

O intérprete utilizou no processamento da informação recebida, pelo menos dois *frames* simultaneamente. Embora não seja possível experimentalmente estabelecer qual *frame* foi ativado primeiro, suponhamos que tenha sido o *frame* do posicionamento do público. Na opção 1, ele teria classificado o público como suficientemente informado do significado de “Itamaraty”. No segundo, ele identifica o público como parcialmente conhecedor da função daquele organismo e, para compensar esse conhecimento parcial do público, identifica o citado órgão como parte da administração governamental brasileira encarregada de relações exteriores. Na terceira opção, ele identifica o público como leigo no assunto de relações internacionais (ainda que a nível de conhecimento de jornal) e explicita todos os elementos do texto, colocando-o numa mesma estrutura (*frame*) onde se podem encontrar outros itens tais como *Foreign Office*, *Quay d’Orsay*, *Itamaraty*, *State Department*, etc, tendo como hiperônimo o significado “órgão nacional encarregado de relações exteriores”. O processamento da informação recebida pelo intérprete ativou diferentes *frames*. O conteúdo desses *frames* faz parte da massa de conhecimento que uma pessoa possui e que pode estar constantemente ativa e receptiva a novas informações. As inferências são feitas pelo receptor permanentemente com base no seu conhecimento prévio, fator sem o qual não existirá a compreensão. Como diz WIDDOWSON:

It is your discourse you read into my text. You can only interpret it by relating it to your reality. Where your reality corresponds to mine, or where you are prepared to co-operate in seeing things my way, then there can be convergence between intention and interpretation. Otherwise, there will be a disparity. You will be taking me out of context – out of the context of my reality. (1995: 165)³

Esse modelo representacional da memória aqui adotado pode ser aplicado para ilustrar uma vasta quantidade de experiências

reais vividas por palestrantes, intérpretes e público. Muitas vezes o *frame* do palestrante é mais abrangente do que o do intérprete, outras o do intérprete é maior do que o do palestrante. Às vezes, os *frames* do intérprete e do palestrante se superpõem ao do público e, ainda em outras situações, pode-se perceber que o intérprete não compartilha os *frames* do palestrante e do público. São muitas as combinações possíveis e a compreensão dessas combinações ainda que importante, muitas vezes se dá de maneira intuitiva, e sua explicitação possibilita a prevenção de problemas e, mais ainda, leva o intérprete a estabelecer estratégias para evitar que a situação detectada se transforme em problema na elaboração de seu discurso.

Uma outra ilustração dos aspectos relacionados à coerência e sua dependência de fatores ligados ao conhecimento do contexto em que se insere o discurso ocorreu durante o Seminário Internacional Valores, Cultura e Saúde Reprodutiva da Mulher, que teve lugar em Belo Horizonte em dezembro de 1994, organizado pelo CEDEPLAR da UFMG e UNFPA (Fundação das Nações Unidas para Assuntos Populacionais). O próprio nome do seminário mostra claramente, através dos termos *valores* e *cultura*, as implicações relacionadas às diversas posições que se pode ter em relação ao conteúdo científico em estudo na ocasião.

Uma grande diversidade cultural representada pelos participantes dos vários países (Tailândia, Indonésia, Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Filipinas, e Canadá) despertava na mente dos intérpretes a necessidade de, em primeiro lugar, atualizar seus próprios elementos cognitivos compostos pelos *frames*, *scripts*, cenários e esquemas através do *briefing* e, em segundo lugar, de suprir informações durante a interpretação que pudessem ter efeitos semelhantes nas estruturas cognitivas dos beneficiários da interpretação simultânea.

Uma vez que o seminário estudava com maior ênfase o tema relacionado ao contexto brasileiro, colhemos vários exemplos de expectativas de disjunções⁴ entre as estruturas cognitivas dos palestrantes brasileiros e aquelas dos participantes estrangeiros,

alguns dos quais estavam no Brasil pela primeira vez e conheciam muito pouco de nossa cultura e da conjuntura do país, ou, o que é pior, podiam ter idéias pré-concebidas que não se compatibilizassem com a realidade. Os primeiros utilizaram amplamente vocábulos e expressões corriqueiras no dia-a-dia do nosso país que, se simplesmente transliteradas (transverbalizadas?) ou até traduzidas quando possível, pouco ou nenhum sentido teriam, justamente por não se inserirem nos esquemas cognitivos dos demais. Eis alguns exemplos:

Termo	Tradução ou transverbalização
Plano Real	Real Plan, the Federal Government economic plan implemented in July to reduce inflation, which changed the currency into Real.
URV	Acronym meaning “actual value unit” used as currency in the transition between the previous currency and the Real
correção monetária	“monetary correction”, a public index that corrected monetary values daily to avoid the losses with inflation
Política do Café-com-Leite	“Coffee-and-Milk Policy”, a policy of joint action in political and economic terms between the States of São Paulo and Minas Gerais, in the 1930´s; the former was the main coffee producer and the latter the main milk producer.
politicagem	the actions of politicians that are meant either to gain prestige and other advantages or to show that they are working
Plano Collor	Economic plan devised by Pres. Collor, in 1990, that froze prices and confiscated deposits in banks.
“Marajás”	Derogatory reference to public workers that received exceedingly high wages, evoking the affluence of India´s Marajas
Casa da Dinda	The Private Residence of Pres. Collor, the former President of Brazil, who finally resigned.

“pivetes”	street kids, usually poor-class youngsters that live in slums and commit petty crimes.
-----------	---

Um problema facilmente perceptível ao se verificar a lista acima é o relativo ao tempo de interpretação de cada termo, amplamente maior que o tempo gasto no discurso do palestrante. A solução encontrada, na maioria dos casos foi a de utilizar os intervalos entre palestras para fornecer aos estrangeiros informações que lhes permitissem atualizar suas estruturas cognitivas, um procedimento que não satisfaz plenamente, mas que, nas circunstâncias, foi muito apreciado, conforme se expressaram alguns dos participantes estrangeiros.

Uma alternativa pode ser a apresentação por escrito de um glossário no qual os verbetes imprescindíveis à compreensão possam ser explicados. Tal iniciativa pode ser tomada tanto pelos organizadores do evento, quanto pelos próprios intérpretes a fim de resguardarem seus próprios interesses. Infelizmente, como já foi explicado, os intérpretes raramente recebem quaisquer informações referentes ao assunto com a devida antecedência, o que torna praticamente impossível partir deles tal iniciativa.

A Intertextualidade

Os fenômenos relacionados ao conhecimento de mundo que tornam um texto coerente têm uma extensão óbvia que é a intertextualidade. A intertextualidade é um dos princípios ou padrões constitutivos da textualidade, ou seja da condição de ser um segmento considerado ou não um texto, de acordo com GRICE (Apud BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981: 3). Embora seja também um conceito de significado transparente, as relações que justificam essa denominação precisam ser muito bem definidas. Apesar de ser uma relação extra-textual do texto que se examina, ela também pode ser, e freqüentemente o é, uma relação que ocorre no contexto, ou seja, no corpo do próprio texto em questão.

Na realidade, um texto qualquer, para ser considerado um texto, precisa estar em relação de intertextualidade com outros textos, segundo GRICE (1975), pois, do contrário, este seria uma unidade alienígena, de compreensão quase impossível. São as relações de intertextualidade que tornam possível sua leitura e compreensão dentro de parâmetros convencionais. Todavia, em virtude da necessidade de ter coerência interna, ele precisa estar, e geralmente está, também intertextualmente relacionado a seus constituintes internos.

No texto escrito, embora a intertextualidade seja importante para a compreensão, ela pode ser suprida *a posteriori*, ou seja, o leitor pode recuperar sentidos não percebidos no momento de uma primeira leitura por ausência de elementos intertextuais, através de uma pesquisa e seleção de textos que venham a suprir as informações faltantes. Anteriormente, neste trabalho, já foi feita menção a essa característica textual que se aplica à tradução.

No caso da interpretação, entretanto, essa recuperação de informações que possibilitem ligações intertextuais dificilmente pode ser suprida a contento, se já não existirem quando da detecção de sua necessidade. Em outras palavras, o intérprete precisa possuir essas informações *a priori* a fim de ser capaz de entender o discurso que está interpretando, ou, então, seu discurso (a interpretação ou o DC) poderá ser ininteligível ou incoerente.

A intertextualidade é um conceito muito estreitamente ligado à idéia de coerência, sendo a primeira um dos elementos que ajudam a estabelecer as conexões que criam a última. Por isso mesmo, fica às vezes muito difícil definir onde uma começa e onde termina a outra.

Na realidade, a coerência às vezes só é possível devido, entre outras coisas, à intertextualidade, embora ela não seja elemento essencial se a entendermos estritamente como interrelação de textos e não como sinônimo de conhecimento de mundo. Ou seja, se entendermos intertextualidade no sentido lato, ela se iguala ao conceito de conhecimento de mundo, pois tudo que sabemos será fruto de nossa leitura daquilo que está em nosso redor.

A razão dessa interrelação ser tão difícil de ser dissecada e classificada deve-se, a meu ver, à sua proximidade e à sua realização se dar através dos mesmos mecanismos cognitivos. Na realidade, o próprio indivíduo teria dificuldades, se fosse o caso, em discriminar seu conhecimento como sendo de uma ou de outra origem. HATIM & MASON comentam:

The intertextual link is, in this case, strong, in the sense that it activates knowledge and belief systems well beyond the text itself. Intertextual functions, however, are not always active. There are passive forms of intertextuality which amount to little more than the basic requirement that texts be internally coherent (i. e. intelligible). (1990: 124)⁵

Nessa citação pode-se ainda identificar uma dificuldade maior para o intérprete em relação à intertextualidade, pois os autores mencionam formas passivas de intertextualidade. Para o intérprete, na maioria das vezes, as formas passivas serão pouco úteis, pois essas relações freqüentemente precisarão ser transformadas em informação ativa. Se para o leitor ou ouvinte a forma passiva pode ser suficiente para a compreensão do que está lendo ou ouvindo, para o intérprete, que precisará transpor o que está ouvindo para um discurso em outro idioma, dificilmente ela será suficiente⁶. Essa relação entre informações passivas e ativas fica clara no indivíduo bilíngüe (proficiente em dois idiomas), mas que é incapaz de fazer interpretação entre essas mesmas duas línguas, por mais simples que seja o conteúdo. Fica também evidente quando, numa dada situação, somos capazes de entender perfeitamente uma mensagem sem, porém, sermos capazes de retransmiti-la com precisão. Isso parece evidenciar que há níveis de compreensão diversificados, não sendo a compreensão apenas um aspecto ligado à memória.

Esse argumento nos leva de volta à questão da *forma* da memória, ou seja, se a memória preserva a forma ou somente o conteúdo das lembranças. Enquanto os que estudam a memória pela perspectiva

da AD apoiam uma representação através de *proposições*, outros favorecem um conceito que poderia ser denominado de desconstrutivista da memória, no qual a forma não é precisa, varia de pessoa para pessoa e depende de inúmeros fatores relacionados a experiências únicas vividas pelo indivíduo. Comentando sobre esse tema, BROWN & YULE (1983: 113) referem-se à escola de pensamento da psicologia cognitiva que defende a idéia de que a memória é específica por modalidade (cf. PAIVIO, 1971, apud BROWN & YULE, 1983: 113), ou seja, que a memória do que vivenciamos tem uma representação diferenciada de acordo com a forma como vivenciamos os eventos.

As relações internas que possibilitam a compreensão do texto são semelhantes àquelas que possibilitam a compreensão do discurso oral, embora este possa ser externamente incoerente. Existem inúmeros exemplos clássicos da desconexão externa do discurso oral que ilustram justamente todo o contexto existente na mente do Emissor e do Receptor que possibilita a compreensão e a comunicação. Talvez o exemplo mais conhecido seja o diálogo citado por WIDDOWSON (1978: 29, apud BROWN & YULE, 1983: 228):

- Telefone.
- Estou no banho.
- Ok.

Na IS raramente os discursos são tão sucintos e lacônicos, pois são geralmente formais e a formalidade pressupõe alguns marcadores de completude que não deixem margem a interpretações muito flexíveis. Além disso, são esses discursos cercados de todo um conjunto de expectativas, interrelações, etc.. Entretanto, muitas marcas de discurso oral aparecem com frequência na IS, tais como hesitações, repetições, reconstruções de frases, etc., o que pode ser comprovado pela leitura da transcrição do *corpus* no Apêndice. Em outras palavras, o processo de formação do discurso é desnudado em grande medida pela transcrição de sua formulação oral, haja vista o interesse de psicólogos e psiquiatras no discurso como meio de entender os mecanismos mentais de pacientes.

Com o propósito de ilustrar esses aspectos de intertextualidade, encontramos no texto transcrito em apêndice, a seguinte passagem:

There are many things happening in Mexico now... that... we should take a look at... that we couldn't... couldn't have perceived or... ehh... advanced before with... ehh... with this... eh... limited... eh... with our scientific... eh... blinds, for example the Zapatista movement, the Zapatista movement in Mexico and how the new values of democracy, for example, are intermingled also with this issue of sustainable development which has to do with the reappropriation of the nature as means of production. Something that sometimes will not even reflect very clearly nowadays... in the discourse even... of... Comandante Marcos. But those are underlying forces... because these traditional cul... eh... cultures have been developing for... for centuries based on this cultural relationship... to nature.

Now... the basic condition for the emergence of this consciousness and this activism certainly is... a condition of democracy. If we don't have that condition... of social participation of expression of transforming the power structure, it is very difficult to come up with these claims of... of sustainable development because... it is not a priority but that doesn't mean that there is not a very important potential... for... social change... which is a new paradigm... and... has to do absolutely with this breakthrough in our vision... cosmovision of the world... that... has been established with this... ehh... concept of sustainability.

A interpretação dessa parte foi registrada da seguinte maneira:

Há muitas coisas acontecendo no México agora que nós devemos observar, que nós não poderíamos ter percebido ou... ahh... pressuposto antes (5) com a nossa cegueira científica anterior, por exemplo no movimento Zapatista no México, e como os novos valores da democracia, por exemplo, que estão

interrelacionados com esta cresce... esta questão do desenvolvimento sustentado que tem que a ver com a reaplicação da natureza como meio de produção. Algo que às vezes não vai nem mesmo refletir com clareza, hoje em dia, no discurso ou até mesmo do comandante Marcos, mas essas são forças básicas... ah... de alicerce porque as culturas vêm se desenvolvendo há séculos com base... nessas relações culturais... ah... com a natureza.

Agora a condição básica para a emergência dessa consciência... de repente é uma condição para a existência da democracia. Se não tivermos essa condição da participação social de expressão para a transformação da estrutura, é muito difícil trazer à baila esses... essas... eh... tentativas de crescimento sustentado, mas isso não significa que não haja um potencial muito importante para... a mudança social... o que é um novo paradigma e tem a ver absolutamente com essa... esse grande avanço repentino dessa cosmovisão que foi estabelecida... neste conceito de sustentabilidade.

Existem no texto dois elementos que podem, para uns, parecer referir-se a uma mesma idéia, enquanto que para outros parecerá não terem qualquer vínculo: A referência ao movimento Zapatista e ao Comandante Marcos. O movimento Zapatista foi uma tentativa revolucionária ocorrida na segunda década deste século no México, enquanto que o Comandante Marcos é um dos líderes de um outro movimento revolucionário, que coincidentemente também ocorre no sul do México, só que na atualidade.

As duas referências estão ligadas numa relação de intertextualidade, ou seja, revoluções mexicanas no Século XX, que poderia estar “arquivada” como um *script* ou em um *frame* específico na mente do falante. As informações sobre ambas, no caso do intérprete, vieram de leituras de textos diferentes em termos de objetivos, de datas e de conteúdo. Devido ao contexto de ocorrência do texto, caso o intérprete desconhecesse o fundo histórico dos dois movimentos, praticamente nenhum efeito negativo sobre a compreensão ou interpretação ocorreria, por que,

aparentemente, as referências são periféricas ao assunto principal. Supondo-se entretanto que um aprofundamento da questão se fizesse necessário durante o debate que se seguiu à palestra, um conhecimento errôneo poderia causar dificuldades comunicativas.

Os assuntos ou temas apresentados em contextos onde se utiliza a IS, em geral, não apresentam dificuldade para a retomada do sentido original, pois o nível de redundância informacional e o *bypass* cobrem as eventuais ausências de informações. No entanto, no micro-processamento, nas questões relativas à coesão textual.⁷

Estratégias para Ajuste de Estruturas Cognitivas

Uma estratégia que é utilizada para evitar a ocorrência desses descompassos entre o(s) *frame(s)*, cenários e *scripts* das pessoas envolvidas na interpretação simultânea é a ampliação consciente e planejada, por parte do intérprete, da principal peça do processo, os seus próprios *frames* para que estes se aproximem o máximo possível em conteúdo daqueles do palestrante e do público. Essa ampliação deverá dar-se não apenas em termos de conhecimento específico (terminologia, fraseologia e processos (*scripts*), mas também em termos de outros fatores de “conhecimento do mundo” (origem e formação do palestrante, idiossincrasias, etc) que proporcionarão maior possibilidade de produção de um discurso mais coerente. Com isso concordam intérpretes e pesquisadores, explicitando a seu modo essa mesma necessidade.

Como indica TAYLOR (op. cit, 25):

... there is scientific evidence to support the more mundane notion that studying a subject prior to listening to it (and in our specific case interpreting it) makes that listener better able to process and understand the discourse he hears.⁸

Até mesmo fatores que poderiam escapar a um observador menos cuidadoso são apontados por alguém que, já tendo vivido a experiência, deseja que ela seja mais rica e proveitosa para outros. Organizações internacionais que utilizam intensivamente a interpretação tendem a desenvolver normas e diretrizes com as quais os intérpretes devem estar familiarizados para não cometerem deslizes inadvertidamente. Descrevendo o aperfeiçoamento profissional dos intérpretes no Parlamento Europeu, em Luxemburgo, PRETE (1989: 205) fala dessa adaptação inicial:

Pendant trois mois, ces jeunes avaient surtout la possibilité de se familiariser avec les procédures d'une institution, de participer à toutes les réunions, sans travailler évidemment en cabine, mais avec la possibilité d'observer de quelle façon fonctionnait l'institution.⁹

Além desses cuidados da preparação prévia, é inegável que a própria interação palestrante-intérprete-público ativará outros *frames*, outros *scripts* ou esquemas e estruturas que contribuirão gradativamente para uma maior coerência do discurso produzido pelo intérprete. Tal resultado vai sendo percebido por grande parte dos participantes (este resultado pode ser verificado em conferências através de avaliações da interpretação feitas informalmente no primeiro, segundo e último dias), o que reforça a idéia de que treinamento prévio associado ao estudo de terminologia, fraseologia, processos e um bom *briefing* são elementos essenciais e devem ser sempre utilizados pelos intérpretes. Isso explica também porque o intérprete terá mais sucesso em produzir um discurso coerente e mesmo com estrutura superficial (coesão) maior quando ele conhece o assunto e o palestrante. VAN DAM (1989: 173) diz o seguinte a respeito desse crescendo de interação:

The interpreter begins circling around the speaker, watching and listening for clues, not yet prepared, in case of doubt, to

commit to a particular position. As the speaker continues, a picture begins to emerge. We begin to understand the speaker's position, how strongly he advocates it, and why; we adjust to his style, his accent and intonation, his cadence of speech, his sense of humor or lack of humor, his personal idiolect. Gradually, almost imperceptibly, for the duration of the speech, the interpreter slips into the speaker's mind.¹⁰

Infelizmente, na grande maioria dos eventos, essa interação não atinge esse nível descrito acima, simplesmente porque o evento não dura tempo suficiente. É, portanto, importantíssimo que todo esforço seja feito no sentido de suprir antecipadamente aquilo que o intérprete adquiriria através de um período relativamente longo de treinamento “em serviço”, período este inexistente na maioria dos casos. A solução, portanto, é a criação de estratégias, algumas delas indicadas já anteriormente, que possam atuar sobre a estrutura de memória e de conhecimento do intérprete, para que ele comece sua atuação no evento com o “motor afinado” e na “temperatura certa”, como um piloto de carro de corridas, que não pode se dar ao luxo de ter esses ajustes feitos ao longo da competição.

Algumas dessas estratégias são correlatas àquelas de aprendizagem de vocabulário utilizadas pelos estudantes de línguas estrangeiras e que empregam elementos como associação de idéias, associação de imagens com significado, e agrupamento por categorias, por funções ou outras características comuns, como regência idêntica, uso com pares específicos, etc..

Coerência de Recepção e Coerência de Emissão

Ao abordarmos o aspecto de coerência no discurso, temos que subdividir esse discurso em dois: (a) o que o intérprete ouve e tem que compreender e (b) o que o intérprete emite para ser compreendido pelo público. O intérprete precisa, em primeiro lugar,

entender o discurso do palestrante e, para isso, é necessária a confluência de vários fatores.

É muito comum culpar-se o intérprete por erros eventuais, mas como sustenta KOCH (op.cit. 35) *“Não se deve pensar que a questão de estabelecimento de sentido esteja apenas do lado do receptor. A questão é mesmo de interação.”* Isso nos leva a considerar todo o conjunto de fatores ligados ao emissor ou palestrante. Além de seu discurso ter de ser coerente para poder ser entendido, outros aspectos relacionados à sua habilidade como orador devem ser levados em consideração. Quaisquer elementos que tendam a dificultar a compreensão do discurso, sejam eles de ordem física ou mental, colocarão carga extra em um dos canais de processamento do intérprete. Um palestrante que tenha problemas de dicção, de articulação, de tonalidade de voz, de habilidade de usar um microfone ou mesmo tenha coesão ruim e uma coerência fraca de seu discurso irá exigir maior esforço de compreensão por parte do intérprete, ocasionando assim uma concentração de atenção maior na audição e compreensão, podendo fazer cair a qualidade de sua própria emissão.

Além de estratégias pessoais de preparação que possam minimizar tais percalços, uma vez que eles fazem parte da realidade e nem sempre podem ser eliminados, faz-se necessária uma ação junto ao palestrante e ao público, no sentido de fazê-los interagir com a realidade da IS, realidade essa que poderá não fazer parte dos esquemas mentais desses participantes do processo. As pessoas que desconhecem todo o esforço mental, todo o treinamento e todo o estudo que são necessários para se fazer IS tendem a menosprezar a atividade e a imputar à natureza da tarefa (excessivamente difícil, dizem, as eventuais falhas. Se um palestrante tiver má dicção, emitir frases incompletas e incoerentes, em suma, se não for totalmente compreendido pelo intérprete, haverá, como já foi observado anteriormente, uma sobrecarga sobre os canais de entrada e de processamento do discurso e essa sobrecarga poderá prejudicar sensivelmente o resultado final da IS. Como afirma TAYLOR:

The interpreter, (...) relies heavily on a coherent delivery. In the first place, he puts his trust in his knowledge of the grammatical norms and sentential structures of the source language and on his understanding of the terminology adopted, and if the speaker strays significantly from these norms, the interpreter cannot be expected to perform his task successfully¹¹ (1989: 21).

Nesses casos, cabem pelo menos duas estratégias, sendo uma preventiva e outra paliativa ou de gerenciamento de crise. Na primeira, o intérprete trabalha no que denominaremos de “sensibilização do cliente”. Nessa estratégia, que tem se provado a melhor das duas, deve-se informar as partes integrantes do processo da comunicação através da IS, com antecedência, sobre o processo em si, suas dificuldades inerentes e a importância de uma boa interação entre os participantes. Assim, o palestrante deve ser informado de que a velocidade de sua fala deve ser moderada a fim de não causar uma sobrecarga no processamento e que a sua não conformação a esse aspecto poderá prejudicar todo o processo. De maneira similar, os contratantes dos serviços de IS poderão ser levados a compreender a importância dos fatores descritos anteriormente (aspectos que atuam sobre a IC) para o bom andamento dos serviços. É claro que tais informações deverão ser dadas em linguagem simples, clara e concisa, pois dificilmente um documento grande será sequer lido nas circunstâncias¹².

Estratégias de atuação são importantes, mas devem ser precedidas de estratégias de processamento discursivo. Não poderia deixar de mencionar aqui o que a psicolinguística apresenta como recursos efetivos para a recuperação de elementos armazenados na memória. As estratégias para o armazenamento e para a recuperação de informações que são aplicáveis no aprendizado em geral podem ser muito úteis ao intérprete. LLOYD (1995, 32) explica que (1) o *ensaio*, (2) a *organização*, (3) a *elaboração* e (4) a *busca sistemática* (cf. LLOYD, 1995: 32) são estratégias que visam a facilitar esses esforços.

1. O ensaio consiste na repetição dos termos ou expressões que devem ser fixados, até que estejam memorizados, ou seja, passem da memória de trabalho para um dispositivo de armazenagem de mais longo prazo.
2. A organização consiste em determinar o que tem de ser memorizado a categorias específicas, tais como substantivos, adjetivos, sinônimos, antônimos, vegetais, máquinas, etc., de acordo com as preferências individuais e as próprias características do que tem de ser fixado.
3. A elaboração é um mecanismo de fixação e recuperação que analisa os elementos compartilhados pelos itens a serem fixados (sons, imagens, etc.).
4. A busca sistemática procura tirar vantagem dos processos mnemônicos com os mesmos fins das técnicas anteriores. O intérprete deve lançar mão dessas estratégias, caso lhe sejam satisfatórias, o que só poderá ser determinado através do uso e verificação de eficácia e das preferências individuais.

Percepção dos efeitos do discurso e sua reprodução no DC

Além de lidar com todos os parâmetros já especificados neste artigo, o intérprete deve ainda estar atento aos efeitos ilocutórios e perlocutórios¹³ do discurso. Os primeiros podem inperceptivelmente passar por atos locutórios, os outros poderiam deixar de demonstrar os efeitos (emoções, por exemplo) o que, em ambos os casos, mudaria os efeitos e os resultados do discurso.

Embora em muitos casos, a percepção e a emulação do discurso do palestrante sejam automáticas, essa automaticidade é resultado das ligações cognitivas às estruturas existentes na mente do intérprete. Essas estruturas podem ser amplas ou limitadas, exatamente como nos outros processos mentais já mencionados. Entre culturas razoavelmente semelhantes, como é o caso das

culturas dos diversos países ocidentais, os marcadores lingüísticos que despertam idéias e sentimentos específicos através da fala tendem a ser muito semelhantes, quando não são idênticos. Todavia, o inglês é hoje língua franca e, não poucas vezes, o palestrante que utiliza essa língua é oriundo de culturas diversas e bem diferentes da nossa. Isso implica possíveis alterações nesses sinais e marcadores, tais como entoação, fator a que o intérprete deve estar atento e para o qual deve precaver-se. No que concerne ao discurso oral, se considerarmos apenas os fatores lingüísticos, a entoação poderá ser um dos elementos mais alterados.

Conclusão

O conhecimento teórico dos elementos apontados neste artigo não vão, aparentemente, mudar de maneira perceptível, a curto prazo, a competência do intérprete. Todavia, ele tornará o intérprete consciente de muitos aspectos e, espera-se, o fará refletir sobre seu trabalho. A partir daí, o intérprete poderá identificar suas próprias estratégias ou elaborá-las, o que, sem dúvida, poderá redundar em resultados palpáveis na qualidade da interpretação.

Notas

1. Se Riebeck estiver certo quando diz que *a compreensão é um processo de memória* e o homem tem uma memória virtualmente ilimitada que incorpora um surpreendente sistema de processamento de informações, então a função do ouvinte/intérprete é assistida por esse mecanismo representativo.

2. As degradações não são necessariamente detectáveis, porque é difícil atribuir uma frase mal feita ou o emprego pouco preciso de uma palavra a um déficit de capacidade em oposição às variações que espontaneamente intervêm na qualidade do discurso pronunciado em circunstâncias tão restritivas. Mesmo quando detectada uma perda de informação ou uma degradação, não é necessariamente fácil atribuí-la a uma dificuldade precisa do discurso do orador, porque essa perda pode intervir à distância, após uma série de ocorrências da CT (capacidade de processamento) de um esforço a outro.

3. É o seu discurso que você lê no meu texto. Você só será capaz de interpretá-lo se o relacionar à sua realidade. No ponto em que a sua realidade corresponder à minha ou quando você esteja disposto a cooperar e ver as coisas à minha maneira poderá haver convergências entre intenção e interpretação. Do contrário, haverá disparidade. Serei interpretado fora de contexto – fora do contexto da minha realidade.

4. Superposição incompleta, significando que existem falhas na estrutura cognitiva onde está armazenada a terminologia e os conceitos. Esta definição é minha, baseada no conceito de disjunção semântica explicitado por MAILLOT (1975: 41).

5. A ligação intertextual é, neste caso, forte, no sentido de que ela ativa os sistemas de conhecimento e de crenças para muito além do próprio texto. As funções intertextuais, entretanto, não são sempre ativas. Existem formas passivas de intertextualidade que são pouco mais do que os requisitos básicos de que os textos sejam coerentes (i.e. inteligíveis).

6. Embora no *corpus* em apêndice não apareçam ilustrações do que afirmo aqui, vários exemplos de minha própria experiência vêm-me à mente. Apenas para citar um, certa vez, na abertura de um congresso científico houve uma apresentação musical em que o conjunto executou a música-tema do filme “Golpe de Mestre”, segundo anunciou o apresentador. Embora não fosse uma informação crucial e apesar de ser uma ocorrência totalmente imprevisível, tive a felicidade de lembrar-me que o nome do filme em inglês (idioma para o qual estava interpretando) era “The Sting”, que, como ocorre em geral com traduções de nomes de filme, não era uma tradução literal.

7. Veja, LOPES, Edson, *Estratégias do Intérprete de Conferências para a Preservação e para o Resgate da Coesão do Discurso*, in MACHADO, I.L.; CRUZ, A R; LYSARDO-DIAS, D. TEORIAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS. Estudos em Análise do Discurso. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso

da FALE-UFMG, Carol Borges, 1998.

8. ...existe evidência científica para justificar a noção mais transitória de que estudar um assunto antes de ouvi-lo (e no nosso caso específico, interpretá-lo) torna o ouvinte melhor preparado para processar e compreender o discurso ouvido.

9. Durante três meses, esses jovens (intérpretes) têm a oportunidade de familiarizar-se com os procedimentos de uma instituição, de participar de todas as reuniões, sem trabalhar evidentemente na cabine, mas com a possibilidade de observar de que maneira funciona a instituição.

10. O intérprete começa rondando o palestrante, observando-o e procurando indicações, sem estar ainda preparado, em caso de dúvida, de não querer comprometer-se com um determinado posicionamento. À medida que o palestrante continua, começa a emergir uma imagem. Começamos a entender a posição do palestrante, com que força ele a defende e porque o faz; ajustamo-nos a seu estilo, seu sotaque e entonação, seu ritmo de fala, seu senso de humor ou falta dele, seu idioleto pessoal. Gradualmente, quase de forma imperceptível, ao longo de toda sua palestra, o intérprete vai penetrando aos poucos na mente do palestrante.

11. O intérprete, (...) confia intensamente em um discurso coerente. Em primeiro lugar, ele coloca sua confiança em seu conhecimento das normas gramaticais e nas estruturas sentenciais da língua de origem e em sua compreensão da terminologia adotada e se o palestrante afastar-se significativamente dessas normas, não se pode esperar que o intérprete execute sua função de maneira bem sucedida.

12. Coloco à disposição dos interessados, em anexo, um modelo abrangente.

13. De acordo com COULTHARD (1977: 17), o ato locucionário é o ato de dizer algo no sentido total de dizer; um ato ilocucionário ou ilocutório é o ato de executar uma ação através da enunciação, sendo que o ato é identificado pelo performativo explícito (e.g. Eu batizo este navio...); o ato perlocucionário é o ato executado como resultado do dizer (e.g. Ele me mandou atirar nela).

Referências Bibliográficas

BEAUGRANDE, R. de, DRESSLER, W. (1981). *Introduction to text linguistics*. Essex, England: Longman Group Limited.

BROWN, G., YULE, G. (1983). *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.

CARPENTER, P., MIYAKE, A, JUST M. (1994). Working memory constraints in comprehensions: evidence from individual differences, aphasia and aging. In GERNSBACHER, Morton Ann (ed) *Handbook of psycholinguistics*. Madison, Wisconsin: Academic Press.

GILE, D. (1988). Le partage de l'attention et le 'modele d'effort'. In *The Interpreters' Newsletter*, Trieste: SSLM, Università degli Studi di Trieste, n. 1, September, p. 4-22.

_____. (1995). *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.

HATIM, B., MASON, I. (1990). *Discourse and the translator*. London: Longman,

KOCH, I. G. V., TRAVAGLIA, C. (1990). *A coerência textual*. São Paulo: Ed. Contexto.

LLOYD, P. (1995). *Cognitive and language development*. Leicester: BSP Books.

PRETE, F. (1989). Perfectionnement professionnel de l'interprète dans les organisations internationales. GRAN, Laura & DODDS, John, *The theoretical and practical aspects of teaching conference interpretation*. Udine: Campanotto Editore, p. 205-206.

TAYLOR, C. (1990). In GRAN, L., TAYLOR, C. (Ed.). *Aspects of applied and experimental research on conference interpretation*. Udine: Campanotto Editore.

VAN DAM, I. M. (1989). A methodology for the training of simultaneous interpreters. In: GRAN, Laura & DODDS, John, *The theoretical and practical aspects of teaching conference interpretation*. Udine: Campanotto Editore, p. 167-176.

WIDDOWSON, H.G. (1995). Discourse analysis: a critical view. *Language and literature* – journal of the poetics and linguistics association. Longman. V. 4 n. 3.